Entre a
Polônia e o Brasil
Histórias de família

Da Polônia ao Brasil, entre guerras e recomeços

Família Trojan

Relato de Arthur Trojan

No final do século XVIII, a Polônia foi invadida e partilhada pelas potências vizinhas, deixando de existir como Estado independente por 123 anos. Nesse contexto, muitos poloneses deixaram sua pátria em busca de melhores condições de vida. Entre eles estava o jovem Baltazar Trojan, nascido em 1875, em Suwalki, no nordeste da Polônia, que imigrou com seus pais para os Estados Unidos.

Com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914 e o empenho do renomado pianista Ignacy Paderewski para a criação de um exército polonês na Europa Ocidental, um grande contingente de poloneses que viviam nos EUA viajou para a França com a finalidade de incorporar-se ao Corpo Polonês comandado pelo general Józef Haller. Dentre esses, estava o Baltazar Trojan, que retornava à Europa após viver 20 anos na América.



Baltazar Trojan com a farda do exército americano ao partir para a Europa, em 1914. Acervo pessoal.

Após o conflito e o ressurgimento do Estado polonês, Baltazar estabeleceu-se em Varsóvia, onde recomeçou sua vida. Lá, conheceu Michalina com quem se casou e teve cinco filhos: Stanislaw, Józef, Jan, Stefan e Zofia. A família vivia em Radość, nos arredores de Varsóvia, hoje um bairro da capital chamado Wesoły.



Baltazar e Michalina Trojan com os filhos (do maior para o menor): Stanislaw, Józef, Jan, Stefan e Zofia, e o cão Lew. Acervo pessoal.




Fotos dos passaportes de Baltazar Trojan e Michalina Trojan e seus 5 filhos. Acervo pessoal.

Baltazar trabalhava para o governo polonês. No início da década de 1930, preocupado com a possibilidade de uma nova guerra e buscando melhores condições para os filhos, uniu-se a outras famílias que pretendiam estabelecer uma colônia polonesa próxima a Iquitos, no Peru. O responsável pela expedição é incerto.



Michalina e os filhos, na aldeia em que moravam, próxima a Iquitos, no Peru. Acervo pessoal.

Em 1931, a família Trojan deixa a Polônia em definitivo. Seguem de trem até a França, depois de barco até a Inglaterra, onde embarcam rumo à América do Sul. Ao chegarem a Manaus, viveram um episódio que Józef Mariusz contaria por toda a vida. Em um restaurante, ao verem uma grande quantidade de pó branco sobre a mesa, Michalina exclamou: "*Que país farto! Vejam quanto queijo ralado!*" E todos colocaram muito daquele pó na comida descobrindo depois que se tratava de farinha de mandioca.

Um tempo depois, durante a viagem pelo rio Amazonas, Baltazar adoeceu e faleceu. Seu corpo foi enterrado às margens do rio. Ele não chegou a conhecer as terras que havia comprado.

Michalina seguiu viagem com os filhos. Ao chegar ao local onde deveriam viver, encontrou terras em meio à mata e na beira de um rio. Nas proximidades encontrava-se também uma aldeia indígena. Józef Mariusz recordava que certa vez foi até a aldeia e voltou com o corpo pintado; sua mãe só permitiu que entrasse em casa depois de retirar toda a pintura.

Ao longo dos cinco anos em que moraram naquela localidade, viveram do plantio de raízes e criação de animais. Foi um período muito difícil. Michalina perdeu três filhos: Stanislaw e Stefan, vítimas de doenças, e Zofia, após comer cogumelos não comestíveis.

Diante das perdas e das condições de vida precárias, a família decidiu deixar o Peru. Em fins de 1935, Michalina e os filhos Józef Mariusz e Jan Bronislaw seguiram viagem com a intenção de chegar ao Paraná. Durante uma passagem pelo Rio de Janeiro, Józef Mariusz sempre contava que ficou muito emocionado ao ver do navio o Cristo de braços abertos. Desembarcaram para conhecer a cidade e acabaram perdendo o navio.

Novamente então, a família teve que recomeçar a vida do zero.

Fixaram-se então no centro do Rio de Janeiro, onde todos começaram a trabalhar e levavam uma vida bem modesta. Józef casou-se, em 1944, com Maria, carioca e também filha de imigrantes poloneses. Tiveram um único filho, Stanislaw. O irmão Jan Bronisław casou-se com Aparecida, uma mineira, e tiveram seis filhos: Henrique Gabriel, José Antonio, Antonio Carlos, Luís Alberto, Paulo Henrique e Ricardo Tadeu.



Parte da família Trojan, reunida na Quinta da Boa Vista no dia do Batizado da neta mais velha de Józef Mariusz Trojan, Rosana Trojan, em dezembro de 1970. Acervo pessoal. Da esquerda para a direita: Jan Bronislaw com sua esposa Aparecida – padrinhos de Rosana; Rosana no colo da mãe, Marinalva Leite Trojan, e do pai Stanislaw; na ponta direita, Józef Mariusz com o sobrinho caçula Ricardo Tadeu.

Michalina faleceu em 1960, por problemas de saúde. Seu neto mais velho, Stanislaw recordava que ela nunca aprendeu a falar português e se comunicava apenas em polonês.

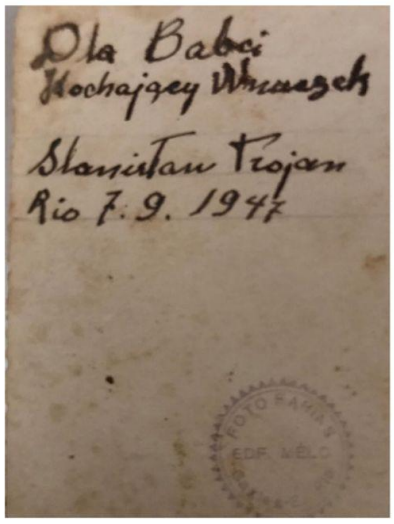



Foto de Stanislaw Trojan com dedicatória para a avó, escrita por Józef Mariusz. Acervo pessoal.

Apesar de a família não ter mantido uma participação muito próxima da comunidade polonesa do Rio de Janeiro durante muitos anos, Józef Mariusz ensinou o básico do polonês aos seus netos, especialmente ao Arthur, que sempre se mostrou o mais interessado.



Primeira Comunhão de Arthur Trojan, neto mais novo, com o avô Józef Mariusz Trojan. Acervo pessoal.



Casamento de Rosana, neta mais velha, ao lado dos avós Józef e Maria. Acervo pessoal.

Józef Mariusz Trojan faleceu em 2003, após sofrer um acidente de carro. Nesse mesmo período, a família iniciou junto ao então Consulado Geral da República da Polônia no Rio de Janeiro o processo de reconhecimento da cidadania polonesa. O processo enfrentou dificuldades e precisou ser refeito após o extravio da documentação.

Sendo assim, foi necessário que todos os documentos fossem reunidos outra vez e uma nova tradução fosse feita. Foi assim que Arthur conheceu o Sr. Tomasz Łychowski, tradutor e incentivador para que Arthur retomasse o contato com a língua polonesa, para aprimorar os conhecimentos que havia adquirido com o avô. Stanislaw, Arthur e Rosana, além do primo de Stanislaw, Antonio Carlos e de seus filhos, finalmente obtiveram a confirmação da sua cidadania polonesa em 2011.

Em 2013, Arthur iniciou seus estudos de polonês na Polônia Sociedade Beneficente. No ano seguinte, viajou pela primeira vez à Polônia para participar de um curso de produção cultural na Escola de Líderes Polônicos. A viagem foi muito proveitosa, visto que lhe propiciou uma rede de contatos importante para que pudesse desenvolver inúmeras atividades culturais na associação.

Desde então, como advogado e com seus conhecimentos sobre a história da Polônia, Arthur pôde desenvolver e ajudar a associação em algumas áreas, principalmente nas atividades culturais e jurídicas. Por intermédio de contatos que fez na Sociedade, Arthur passou a advogar no Brasil para alguns poloneses e este trabalho o levou mais duas vezes à Polônia, fazendo com que pudesse conhecer ainda mais a terra de Copérnico.

Em 2020, foi eleito presidente da Polonia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro. Durante sua gestão, deu início ao processo de modernização da instituição. Criou um logo novo, páginas nas redes sociais, site, fazendo com que o número de interessados em participar da associação só aumentasse. Seu trabalho também foi reconhecido com a Medalha Honra ao Mérito da Cultura Polonesa.



Arthur Trojan recebe a medalha Honra ao Mérito da Cultura Polonesa, concedida pelo Ministério da Cultura e Patrimônio Nacional da República da Polônia. Acervo pessoal.

Em junho de 2026, a Polonia Sociedade do Rio de Janeiro recebeu a mais alta honraria da Cidade do Rio de Janeiro, a Medalha Pedro Ernesto, por suas atividades filantrópicas e na promoção do intercâmbio cultural entre Brasil e Polônia. Arthur também recebeu uma moção de aplausos por sua gestão.



Arthur Trojan na sala da Diretoria, na sede da Polonia Sociedade, segurando a medalha Pedro Ernesto e o diploma. Acervo pessoal.

Arthur Trojan - atrojan@hotmail.com

Realização:

CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento:

Senat-Polonia 2026

Apoio:

TNKUL